

A ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Daniele Gazola¹, Tatiana Stürmer Teixeira², Clarice Marlene Hilgemann³

Resumo: Este trabalho, que tem como base a concepção de gênero textual adotada por Marcuschi, procura verificar, através da análise de livros didáticos do Ensino Médio, como os gêneros textuais estão sendo abordados nos livros didáticos utilizados em escolas públicas do Brasil; de que forma os gêneros textuais que os livros apresentam são identificados; se eles os apresentam como gênero textual; se as propostas de análise são coerentes com a noção de gênero e quais as diferenças e semelhanças entre um livro didático e outro. O objetivo deste estudo é compreender o papel do livro didático em sala de aula no que se refere aos estudos do texto e seus gêneros. Procura-se também identificar se o livro didático é um aliado do educando como um instrumento a mais no cotidiano escolar ou se torna o professor dependente desse material a ponto de utilizar somente o livro didático como forma de ensino.

Palavras-chave: Análise. Livro didático. Gênero textual.

INTRODUÇÃO

O livro didático é um instrumento de ensino e material de apoio muito utilizado no cotidiano escolar brasileiro sendo, muitas vezes, o único material utilizado pelo professor, servindo como bengala à falta de tempo para a preparação das aulas, ao conhecimento superficial de alguns professores e até mesmo à falta de experiência de outros.

Levando em consideração a importância dos gêneros textuais para a formação dos alunos no que se refere às suas habilidades comunicativas – pois, como afirma Marcuschi (2009), toda manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero – e partindo do pressuposto de que o estudo do gênero textual está no conteúdo programático das escolas, portanto deve fazer parte do conteúdo do livro didático, percebe-se a necessidade de analisar alguns livros didáticos para verificar como os gêneros estão sendo abordados em sala de aula nesses materiais.

Pretende-se, neste trabalho, analisar alguns capítulos de dois livros distribuídos pelo Ministério da Educação, para verificar se os gêneros textuais estão sendo abordados de maneira a mostrar a sua importância social e comunicativa. Para atingir tal propósito, traçar-se-á a importância dada ao texto através do tempo, de acordo com Rojo e Cordeiro (2004), assim como a noção de gênero textual, conforme Marcuschi (2009). Apresenta-se, ainda, a relevância de estudar os gêneros e a diferença entre tipo textual e gênero textual, além de um panorama breve sobre o livro didático na sala de aula e os critérios de escolha do MEC para a liberação desses livros.

1 Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência –PIBID, da CAPES - Brasil, subprojeto de LETRAS - Centro Universitário UNIVATES.

2 Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência –PIBID, da CAPES - Brasil, subprojeto de LETRAS - Centro Universitário UNIVATES.

3 Orientadora deste trabalho. Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência –PIBID, da CAPES - Brasil, subprojeto de LETRAS - Centro Universitário UNIVATES.

1 O TEXTO COMO BASE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para analisar a abordagem dos gêneros textuais nos livros didáticos, é necessário que se entenda o valor do texto para o desenvolvimento do aluno e como o texto chegou ao nível de importância que assume hoje.

A concepção de que o texto é a base para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa foi crescendo e se firmando conforme o desenvolvimento das diversas propostas curriculares e programas que modificaram o uso do texto nas metodologias de ensino da língua materna, de acordo com Rojo (2004). De um ensino normativo, que prioriza a análise da língua e da gramática, passou-se a utilizar um método de ensino procedimental, em que os usos da língua escrita, em leitura e redação, são também valorizados, e uma análise gramatical ligada a esses usos textuais.

O texto foi, desde os anos de 1980, utilizado como objeto empírico como meio de leitura, produção e análise linguística. Em seguida, o texto foi usado como suporte para o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura e redação. Conforme Rojo e Cordeiro (2004), nessa fase o texto ainda não se constituía propriamente um objeto de estudo, mas um suporte para o desenvolvimento de estratégias necessárias ao seu processamento.

A partir do uso do texto como suporte para a produção textual, passa-se a estudar algumas propriedades dos textos, especialmente as estruturais, e ensinar a gramática normativa e textual. No entanto, mesmo que os textos escolares – denominados narração, descrição e dissertação, na década de 1990 – passassem a ser enfocados, as teorias textuais generalizavam as propriedades dos tipos textuais, sem mostrar as especificidades e propriedades desses grandes conjuntos de textos em favor de uma classificação geral. Pode-se utilizar, como exemplo, um conto de fadas e uma crônica, que, naquela década, eram simplesmente apresentados como gênero narrativo, sem, entretanto, aprofundar as características próprias de cada um desses gêneros, as quais passaram a ser estudadas anos mais tarde, a partir do momento em que se passa a fazer uma distinção entre tipo e gênero.

Outro problema em relação à abordagem textual em sala de aula, segundo Rojo e Cordeiro (2004), é que não são estudadas as circunstâncias ou situação de produção e de leitura dos textos trabalhados, gerando uma leitura superficial e não a que enfoca interpretação, reflexão e visão crítica, além de uma produção guiada pelas formas e pelos conteúdos mais que pelo contexto e pelas finalidades dos textos, formando leitores apenas com capacidades básicas de leitura.

Os dados referentes ao tipo de leitor/ produtor de textos que as escolas estavam formando guiaram novas propostas de ensino da língua portuguesa nos PCN's, que passam a enfatizar a importância tanto das situações de produção e de circulação dos textos como de sua significação, além de focar a noção de gêneros (discursivos ou textuais) como uma noção mais exata que o conceito de tipo, para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos e orais.

2 O QUE SÃO GÊNEROS TEXTUAIS

É imprescindível definir os gêneros textuais em sala de aula, para que o aluno possa ter noção do funcionamento do texto em seu contexto de produção e de leitura para, justamente, pensar sobre o que aquele texto significa em determinado tempo e espaço.

Segundo Marcuschi (2008), há uma explosão no Brasil no que se refere aos estudos sobre gêneros textuais, a ponto de virar moda, mas nem tudo que é publicado pode ser aproveitado ou é novidade.

O estudo dos gêneros textuais existe no Ocidente há, pelo menos, vinte e cinco séculos, de acordo com Marcuschi (2008, p. 147); no entanto, hoje em dia temos uma nova visão sobre o tema e há tantas e diversificadas fontes e perspectivas de análise que se torna uma dificuldade abordá-lo. O gênero textual, até o início do século XX, esteve ligado aos gêneros literários, porém na atualidade,

essa noção vai além da literatura. De acordo com Swales (1990 apud MARCUSCHI, 2008), hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.

O interesse nos estudos dos gêneros textuais está cada vez mais se ampliando em diversas áreas, com os teóricos de literatura, tradutores, professores de língua, linguistas da computação, o que corrobora com a ideia de que gênero textual é um espelho do funcionamento da sociedade, pois engloba uma análise do discurso e do texto e uma descrição da língua e da visão da sociedade.

Destaca Marcuschi (2008, p.150-151):

Cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação [...], pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.

Essa concepção faz-se importante para identificar em quais esferas de circulação os gêneros textuais se apresentam. De posse desse conhecimento, pode-se também saber a que se propõem determinados gêneros. Sabendo, por exemplo, que uma crônica circula nos jornais, em que textos são lidos de forma mais rápida do que um romance, pode-se destacar a relevância desse gênero que aborda situações do cotidiano.

Quanto ao que concerne à forma do gênero textual, pode-se citar como exemplo a bula de remédio, que serve para inteirar o usuário a respeito de determinada medicação, porém a ordem em que as informações aparecem pode variar de bula para bula, sem alterar o objetivo de informar.

Estudar somente a forma do gênero pode interferir e tornar falhos os estudos muito formais ou estruturais do texto, sem contar a variedade de teorias e interpretações que atrapalham os estudos sobre o assunto.

É tentando definir o gênero textual como algo formal e de estrutura rígida que acabamos por dificultar essa definição, visto que o gênero é algo social, cultural, dinâmico e flexível.

3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Como afirmou Bronckart (1999 apud MARCUSCHI, 2008), a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

Isso significa que é importante entender os gêneros textuais, pois, entendendo-os, pode-se dominá-los e, dominando-os, faz-se possível uma comunicação mais eficaz.

Outro fator importante no entendimento do gênero textual é o seu papel na interação verbal, que ocorre sempre através do texto; segundo Marcuschi (2008), toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.

4 TIPO TEXTUAL E GÊNERO TEXTUAL

Para fazer as análises de gêneros textuais em livros didáticos, é necessário diferenciar e tentar definir tipo textual e gênero textual.

De acordo com Marcuschi (2008), tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição. Em geral, os tipos textuais abrangem categorias conhecidas, como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção, sendo um conjunto limitado e sem tendência a aumentar.

Explica Marcuschi (2008, p. 155):

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Assim, em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo, em princípio, listagens abertas. Exemplo: telefonema, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, resenha, cardápio de restaurante etc. Os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

5 O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA

O livro didático é usado na maioria das escolas públicas do Brasil. Lajolo (1996, p. 07), ressalta que, devido à precariedade da situação educacional, o livro didático acaba determinando conteúdos e condicionando também as estratégias de ensino, isto é, o livro didático determina *o que se ensina e como se ensina*.

Muito se discute seu papel em sala de aula, tanto como material de apoio para o professor quanto como guia para os alunos. Daí se verifica a importância da análise de livros didáticos para investigar de que maneira eles estão abordando os gêneros textuais. Porém, faz-se necessário, primeiramente, conhecer a história do livro didático, e quais os critérios de escolha para a sua adoção na escola.

O PNDL, Programa Nacional do Livro Didático, foi criado em 1985 e, com o tempo, vem tendo melhorias para atingir seu principal objetivo: uma educação de qualidade. Entretanto o MEC só iniciou uma participação mais direta na discussão sobre a qualidade do livro didático nos anos 90, através de um projeto pedagógico propagado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos Guias do livro didático, que apresentam critérios para a avaliação desses livros e podem orientar a escola e os professores nessa escolha. No entanto, não havia uma preocupação, até aquele momento, com o controle da qualidade dos livros, o que passou a valer a partir de 1993, com a criação, pelo MEC, de uma comissão de especialistas encarregada de duas tarefas: avaliar a qualidade dos livros mais requisitados ao Ministério da Educação e estabelecer critérios gerais para a avaliação das novas aquisições.

Magda Soares, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em entrevista a *Nós da Escola*, afirma que um livro didático, conforme os critérios do MEC, não pode apresentar conceitos ou informações incorretas, não pode veicular preconceitos de classe, etnia, cor, gênero etc. Esses critérios variam conforme a disciplina, já que cada uma tem suas especificidades; contudo, um critério fundamental de escolha é que o livro seja coerente com a concepção que o professor tem do conteúdo ensinado e dos objetivos desse ensino, seja adequado às características de seus alunos e ao projeto político-pedagógico da escola.

Em uma pesquisa, Neves (2002) constatou que o livro didático está apresentando problemas, como a confusão de critérios, inadequação de nível, invenção de regras, sobrecarga de teorização, preocupação excessiva de definições, impropriedade de definições, artificialidade de exemplos, falsidade de noções, gratuidade de ilustrações, mau aproveitamento do texto, entre outros.

Por estar sobrecarregado de horas/aula, o professor utiliza o livro para não precisar fazer os planejamentos de aula, passando as responsabilidades que são suas para esse material de apoio. O livro didático não tem função de professor, e os alunos não conseguem aprender por si só.

O que faz a diferença em sala de aula não é somente o livro didático, mas sim a postura do professor ao utilizá-lo. Se o educador souber usar bem os recursos do livro, ainda que ele não seja da melhor qualidade, a aula será proveitosa.

6 ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Para definirmos como os gêneros textuais estão sendo abordados nos livros didáticos, analisamos dois deles; ambos os livros contemplam Literatura, Língua e Produção de textos. No entanto um dos livros é específico para o segundo ano do Ensino Médio, enquanto o outro é volume único, contemplando as três séries do Ensino Médio.

O primeiro livro analisado, intitulado “Português: Linguagens, volume 2: ensino médio”, é específico para o segundo ano do Ensino Médio e apresenta os gêneros textuais de forma clara e objetiva, instigando o aluno a descobrir mais sobre suas finalidades e características através de perguntas a respeito da forma e do conteúdo dos textos, onde eles são veiculados e para quem são veiculados. Comprova-se isso na Figura 1, na qual se pode verificar que os autores explicam que existem vários tipos de entrevista, quem são os agentes comunicativos dessa situação, apresentando em seguida, na Figura 2, uma entrevista veiculada em uma revista, identificando o veículo onde circula essa matéria e, logo após, fazem questionamentos concernentes ao gênero. Como exemplo, cita-se a questão número 1 (Figura 2), em que se quer saber que tipo de pessoa foi entrevistada e com que finalidade. Essas informações assumem importância, pois levam o aluno a perceber o papel dos agentes comunicativos na interação verbal.

Além disso, a fim de identificar os agentes comunicativos da entrevista, os autores afirmam na questão número dois (Figura 3) que, em toda entrevista, uma pessoa faz as perguntas e outra (ou outras) as responde; em seguida, solicitam que o aluno identifique um desses agentes, no caso, o entrevistado.

Já a questão três (Figura 3) procura questionar como podemos identificar no texto quem são entrevistador e entrevistado, através dos recursos gráficos usados pelo veículo de comunicação em que se encontra a entrevista, fazendo ainda uma comparação entre os recursos utilizados para identificação dos agentes de comunicação em diferentes publicações.

Outras perguntas referentes ao mesmo texto levam à identificação do público-alvo, o que revela a preocupação em enfatizar que todo texto se dirige para alguém; questiona-se, ainda, se o título do texto e o corpo do texto são coerentes um com o outro, aspecto explorado na questão número quatro. As questões ainda exploram índices formais, ou seja, diversos outros recursos utilizados em entrevistas, tais como subtítulo, texto introdutório e legendas de fotos, conforme se constata nas questões número cinco, seis e sete (figura 3). Pode-se concluir, com estes levantamentos, que os autores exploram bastante o material apresentado, intencionando, assim, um maior entendimento do aluno quanto à entrevista.

No capítulo analisado, os autores ainda apresentam os diversos tipos de entrevistas, como se observa na introdução do capítulo visto na Figura 1. Dessa forma, destacam que cada tipo de entrevista apresenta características próprias e são propostos trabalhos práticos com o gênero analisado no capítulo, como se constata na Figura 4, na qual é solicitado ao aluno que produza uma entrevista. Para a produção, orientam o aluno quanto ao veículo em que a entrevista será publicada e a escolha do entrevistado, assim como o cuidado em escolher um tema adequado aos interesses do público alvo.

Em seguida, as orientações dirigem-se para a estrutura do gênero entrevista, de forma a destacar/fixar os seus aspectos estruturais, o que atende ao ensinamento de Bronckart (1999), como

já se afirmou anteriormente: é importante entender os gêneros textuais, pois, entendendo-os, pode-se dominá-los e, dominando-os, faz-se possível uma comunicação mais eficaz.

Os autores do livro aproveitam o conteúdo do gênero textual para trabalhar a gramática da língua e apresentam gêneros textuais, tais como o anúncio (Figura 5) e a tirinha (Figura 5.1), para o mesmo fim, sem, no entanto, defini-los como gênero.

No que diz respeito ao trabalho com o anúncio (Figura 5), evidencia-se um desejo/tentativa de trabalhar aspectos gramaticais no texto, destacando-se funções sintáticas e semânticas, como se comprova nas questões um, dois e três. No entanto, o texto do anúncio não foi explorado como gênero textual, apenas serviu de pretexto para trabalhar a sintaxe e semântica.

O mesmo ocorre nas questões referentes à tirinha, acrescentando-se a isso o trabalho com valor semântico de sufixos, além de explorar implícitos e variedades linguísticas.

Capítulo 30 **Produção de texto**

A entrevista

Antes /oras da Rede Globo, apresentado por Serginho Groisman

Trabalhando o gênero

Existem diferentes tipos de entrevista, entre os quais a entrevista de emprego, a entrevista médica, a entrevista jornalística, etc. Basicamente um gênero oral, a entrevista pressupõe uma interação entre duas pessoas, cada uma com um papel específico: o entrevistador, responsável pelas perguntas, e o entrevistado (ou entrevistados), responsável pelas respostas.

Entre os tipos de entrevista, o que costuma despertar maior interesse público é a *entrevista jornalística*, difundida pelos meios de comunicação orais e escritos, como o jornal falado da tevê, o rádio, o jornal escrito, a revista e a Internet. Antes de ser publicada em revistas ou jornais escritos, a entrevista geralmente é feita de forma oral, quando é gravada, e depois transcrita para a linguagem escrita. Na passagem da linguagem oral para a escrita, quase sempre são realizadas modificações nas falas originais.

Leia a entrevista a seguir, concedida pelo psiquiatra Simon Baron-Cohen à revista *Superinteressante*.

SEXO NA CABEÇA

O psiquiatra Simon Baron-Cohen acredita que a diferença entre homens e mulheres está no cérebro

Por Alessandro Greco

Você já viu um homem chorar no final de uma novela? E uma mulher apaixonada por motores de carro? Pode até ser que sim, mas, mesmo que não consigamos determinar o porquê, essas cenas são muito raras. Para o inglês Simon Baron-Cohen, a questão é a diferença entre o cérebro masculino e o feminino. Diretor do Centro de Pesquisa de Autismo da Universidade de Cambridge, Inglaterra, Baron-Cohen escreveu o recém-lançado livro *The Essential Difference: The Truth about the Male and Female Brain* ("A Diferença Essencial: a Verdade Sobre o Cérebro Masculino e Feminino", sem tradução para o português). Ele afirma que o cérebro feminino seria, em geral, mais bem adaptado para o mundo social, mais ligado aos sentimentos e emoções. O masculino estaria mais preocupado com o mundo abstrato, com as regras por trás de sistemas como computadores, automóveis, equações matemáticas ou música. A partir do conflito entre o impulso de sistematizar e o de se afeiçoar às coisas do mundo, Baron-Cohen conseguiu trazer novas explicações para doenças como o autismo e para a personalidade de alguns dos maiores cientistas da história, como Albert Einstein e Isaac Newton. De sua casa, em Cambridge, ele conversou com a Suser sobre sua obra.

269

Figura 1
Fonte: Cereja (2005, p. 269).

Você acredita que o cérebro masculino é mesmo diferente do feminino?

Minha teoria é psicológica. Eu pesquiso o tipo de informação que atrai mais cada tipo de cérebro. Acredito que a mente masculina é atraída mais facilmente por sistemas e para entender como eles funcionam. Já o cérebro feminino presta mais atenção às emoções.

E de onde vêm essas diferenças?

Elas são uma mistura de experiência de vida e de herança genética. O nosso aprendizado é importante para nos dar mais empatia ou para que possamos entender melhor os sistemas. Mas encontramos diferenças entre homens e mulheres já no nascimento, antes que eles possam ter qualquer experiência. Sabemos que algumas dessas diferenças são fruto de hormônios que agem ainda durante a gestação, que talvez sejam controlados pelos genes.

É possível dizer que cada sexo possui um cérebro de tipo diferente?

Não, as evidências que tenho sugerem que nem todos os homens possuem um cérebro masculino e nem todas as mulheres, um cérebro feminino. Na verdade, há pessoas que possuem um cérebro do tipo oposto ao do gênero do qual fazem parte.

Quais as vantagens e desvantagens de cada tipo de cérebro?

Primeiro, quero deixar claro que um não é melhor que o outro: Eles são simplesmente diferentes. O cérebro feminino tem vantagem no mundo social e o masculino, no mundo abstrato. Se você tem empatia, é fácil entender os sentimentos e pensamentos das outras pessoas sem nenhum esforço. Se você tiver facilidade para sistematizar, pode olhar para uma máquina nova ou um sistema abstrato, como um código, e enxergar um padrão sem precisar fazer muita força. O cérebro masculino é muito bem adaptado para matemática, engenharia, computação e para áreas técnicas em geral, em que o conhecimento é organizado de acordo com leis ou regras. O feminino é muito bem adaptado para entender a relação entre as pessoas e para atividades que envolvem o cuidado com gente, como a medicina e o magistério.

Não seria mais vantajoso para a espécie humana ter um cérebro balanceado, bom em sistemas e em empatia?

Sim. A maioria das pessoas tem um cérebro assim. Somente na média as mulheres tendem a ter mais empatia e os homens, uma melhor compreensão de sistemas. Essa diferença parece ser fruto da evolução, que levou cada sexo a ser mais adaptado a uma área. [...]

Você diz no seu livro que dois dos maiores físicos da história, Isaac Newton e Albert Einstein, podem ter tido síndrome de Asperger, uma variante do autismo em que as pessoas têm raciocínio e linguagem normais, mas muita dificuldade para lidar com o mundo social. Por quê?

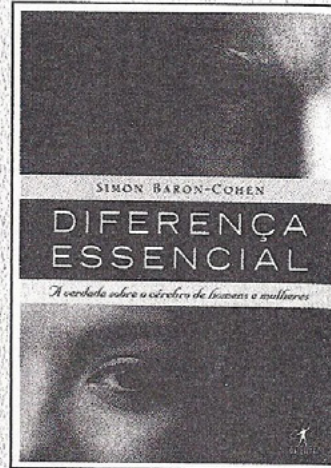
Isso é baseado em um artigo publicado este ano pelo professor Ioan James, da Universidade de Oxford, Inglaterra. Ele estudou a vida desses dois físicos — e de outros também — e viu que eles possuíam muitas características de pessoas com síndrome de Asperger. Einstein foi descrito como uma criança solitária e sonhadora, com dificuldade para fazer amigos. Sua fala não era considerada fluente até os 9 anos de idade. Obviamente, não se pode fazer um diagnóstico definitivo de alguém que está morto e, de qualquer forma, seria antiético fazê-lo se a pessoa não estiver procurando ajuda.

Por que é difícil para a pessoa com síndrome de Asperger entender como funciona o mundo social?

O comportamento das pessoas não é previsível — diferentemente do mundo não social, do mundo inanimado. A única forma de entender a ação de outras pessoas é imaginar os pensamentos e sentimentos dela. Se você acha isso difícil, como muitas pessoas com a síndrome de Asperger afirmam achar, o mundo social não é somente complicado, mas muitas vezes assustador.

É possível que alguém com essa síndrome tenha uma vida social normal?

Sim, se as pessoas que estão próximas dela tiverem tolerância e a valorizarem. Se, ao contrário, elas acharem que é difícil lidar com quem sofre desse mal, isso pode levar a problemas muito graves para o portador da síndrome de Asperger, até mesmo à destruição da sua vida social.



Simon Baron-Cohen

- Tem 45 anos e estuda autismo há mais de 20 anos
- Tem três filhos
- Toca contrabaixo

Você adiou a publicação do seu livro por alguns anos. Por quê?

Até cinco anos atrás, esse tipo de teoria seria potencialmente controverso. Não teríamos um debate aberto e balanceado. Há 20 anos, essas ideias seriam consideradas sexistas ou simplesmente como algo que tentava perpetuar a discriminação ou a desigualdade entre os sexos. Não estou interessado nessas questões, mas sim na forma como funciona o cérebro masculino e o feminino. Decidi agora lançar meu livro porque já podemos fazer essas perguntas de forma mais aberta.

Qual tipo de cérebro você tem?

Para mim, é muito difícil julgar. Estive envolvido na criação do teste usado para determinar qual o tipo de cérebro que cada pessoa tem. Os testes funcionam melhor quando você não tem nenhum tipo de conhecimento prévio deles. Não é o meu caso.

(*Superinteressante*, nº 196.)

7. As entrevistas publicadas em jornais e revistas apresentam diferentes objetivos, dependendo do tipo de informação que veiculam e do público que pretendem atingir. A entrevista em estudo foi publicada na revista *Superinteressante*. Com que tipo de pessoa a entrevista em estudo foi feita? Com que finalidade?
 - a) Foi entrevistada uma autoridade, conhecida do público da revista, para obter sua opinião sobre um fato em destaque no momento.
 - b) Foi entrevistado um especialista em certo assunto, com o objetivo de explicar um fato de interesse científico, suscetível de descrição ou explicação. O especialista é desconhecido do público em geral e, por esse motivo, antes da entrevista propriamente dita há um texto introdutório que o apresenta.
 - c) Foi entrevistada uma pessoa pública (políticos, atores e atrizes, músicos, figuras de destaque na sociedade e na mídia, etc.), com o objetivo de promovê-la (ou ao grupo ou entidade que ela representa) ou levar o público da revista a conhecê-la melhor.

Figura 2
Fonte: Cereja (2005, p. 270).

2. Em toda entrevista, uma pessoa faz as perguntas e outra (ou outras) as responde. Na entrevista em estudo, quem é o entrevistado?
3. Embora conste na entrevista (no início ou no fim) o nome da pessoa que fez as perguntas, raramente ele é usado no corpo do texto. Algumas publicações usam o próprio nome antes das perguntas, em vez do nome do entrevistador. Outras diferenciam perguntas e respostas por meio de recursos gráficos (como, por exemplo, negrito ou itálico), sem identificar explicitamente os participantes. Na entrevista que você leu:
 - a) Em que parte aparece o nome do jornalista que a realizou, isto é, o crédito do entrevistador? Qual é o nome dele?
 - b) Como são identificados o entrevistador e o entrevistado?
 - c) Levante hipóteses: Qual seria a razão da não-identificação de entrevistador e entrevistado?
4. Observe o título da entrevista. Considerando que a *Superinteressante* é dirigida principalmente a um público jovem, responda:
 - a) A escolha do título está relacionada ao perfil do público-alvo?
 - b) O que, à primeira vista, o título sugere?
 - c) Qual é, de fato, o assunto da entrevista?
5. Abaixo do título da entrevista, há um subtítulo. Que informações ele contém?
6. Antes da entrevista propriamente dita, há um texto que a introduz. Qual é a finalidade desse texto introdutório?
7. A apresentação das entrevistas varia de publicação para publicação. Uma entrevista pode constituir uma seção regular de uma revista ou jornal, pode ocupar algumas páginas ou poucos parágrafos, pode servir de complementação a uma reportagem, pode ou não trazer fotografias do entrevistado. Na entrevista em estudo, há a reprodução de um livro do entrevistado e, abaixo dela, um tipo especial de legenda.
 - a) Que tipo de dados essa legenda contém?
 - b) Levante hipóteses: Por que razão consta nessa legenda a informação de que o entrevistado toca contrabaixo?
8. Observe o modo como o entrevistador faz as perguntas a Simon Baron-Cohen.
 - a) Há, nas perguntas, indícios de que o entrevistador se preparou previamente? Por quê?
 - b) O entrevistador demonstra ter lido o livro do entrevistado?
 - c) Considerando-se que o público leitor da revista é formado por pessoas interessadas em ciência, o modo como o entrevistador conduziu as perguntas foi, na sua opinião, apropriado?
9. Observe as respostas do entrevistado.
 - a) Elas revelam segurança em relação ao assunto?
 - b) As respostas dele são direcionadas a um público especializado no assunto tratado? Justifique sua resposta.
10. Numa entrevista, quem controla a interação entre os participantes é o entrevistador, uma vez que cabe a ele fazer as perguntas. O entrevistado, porém, pode enfatizar um aspecto da pergunta e ignorar outros ou dar à resposta um rumo que lhe seja mais conveniente. Identifique, na entrevista lida, uma pergunta em que o entrevistador direciona de tal forma a resposta que o entrevistado poderia ser taxado de sexista caso respondesse sem atenção.
11. Observe a linguagem empregada pelo entrevistador e pelo entrevistado.
 - a) Que variedade lingüística foi empregada por eles?
 - b) Que forma de tratamento foi usada pelo entrevistador para dirigir-se ao entrevistado?
 - c) O tratamento usado na entrevista confere maior ou menor formalidade à interação entre entrevistador e entrevistado?

Figura 3
Fonte: Cereja (2005, p. 271).

12. Quando falamos, é comum suspendermos o pensamento, deixando frases incompletas, assim como empregarmos gestos no lugar de frases, rirmos de alguma idéia engraçada, usarmos expressões que retomam idéias anteriores, como *então, aí* ou *como eu dizia*, etc., ou expressões como *né, hum, pois é*, etc.
- Na entrevista lida, há alguma marca de oralidade desse tipo?
 - Por que você acha que isso acontece?
13. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, concluem: Quais são as características da entrevista?

Produzindo a entrevista

Reúna-se com seus colegas de grupo para, juntos, produzirem uma entrevista. Depois de pronta, a entrevista será publicada no jornal mural do seu grupo ou da classe proposto no projeto *Os focas*, apresentado no capítulo 27.

Preparando a entrevista e entrevistando

- Escolham uma pessoa para ser entrevistada: um profissional de uma área pela qual o grupo tem interesse, uma pessoa conhecida em sua cidade, o diretor de uma ONG, um empresário, um comerciante, um escritor, um professor, um atleta, um ex-aluno da escola, um colecionador de selos ou de revistas em quadrinhos, um músico, um ator, etc.
- Procurem conhecer a pessoa que será entrevistada e o assunto que será o foco da entrevista. Assim, se a pessoa for, por exemplo, um profissional de uma área pela qual o grupo tem interesse, procurem informações sobre ele, onde trabalha, há quanto tempo, se participa de alguma entidade filantrópica, etc.
- Façam um roteiro de perguntas. Se o escolhido para ser entrevistado for um profissional, vocês podem perguntar, por exemplo, que pessoas ou fatos tiveram influência na sua escolha profissional; qual foi o processo de escolha da profissão; que fator teve mais influência na escolha: o lado econômico ou a realização profissional; qual a importância de ser ou não realizado profissionalmente; quais os prós e os contras da profissão escolhida; que importância a atualização constante tem na formação profissional; que conselhos daria para um jovem indeciso quanto à escolha profissional, etc.
- Façam perguntas curtas e objetivas. Procurem prever possíveis respostas e preparem novas perguntas a essas possíveis respostas.
- Ao entrevistar, não confiem na memória: levem um gravador. Apresentem uma pergunta de cada vez e saibam ouvir. Fiquem atentos às respostas, pois vocês podem aproveitar um comentário do entrevistado e improvisar uma pergunta que resulte numa resposta interessante.

Transcrevendo a entrevista

- Com a gravação em mãos, transcrevam a entrevista, passando-a para o papel.
- Escolham uma frase significativa do entrevistado para servir de título ou criem um título com base no assunto tratado.
- Escrevam uma introdução, apresentando o entrevistado e o assunto da entrevista.
- Coloquem o nome do entrevistador (ou o nome do grupo ou do jornal) antes de cada pergunta e o nome do entrevistado antes das respostas. Ou, para diferenciar as perguntas das respostas, empreguem outros recursos gráficos.
- Reproduzam o diálogo mantendo a linguagem empregada pelo entrevistado, mas evitando as marcas da linguagem oral.
- Façam um rascunho e passem a entrevista a limpo depois de fazer uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações do boxe *Avalie sua entrevista*. Refaçam o texto, se necessário.

AVALIE SUA ENTREVISTA

Observe se a entrevista veicula informações suficientes a respeito do assunto abordado; se a seqüência de perguntas e respostas flui com naturalidade; se contém título e texto de apresentação; se o nome do entrevistador ou do jornal que ele representa está colocado antes das perguntas e o nome do entrevistado está colocado antes das respostas ou se perguntas e respostas se diferenciam por meio de recursos gráficos; se a linguagem empregada está adequada ao perfil dos leitores e ao gênero textual.

Da mesma forma, o livro didático intitulado “Texto: leitura e escritas: literatura, língua e produção de textos, volume único”, também trabalha diversos gêneros textuais, como a publicidade, o artigo de revista, crônica e notícia de jornal para trabalhar a análise linguística. No entanto, os textos não são trabalhados como gêneros textuais de forma tão clara e objetiva como o outro livro analisado, sendo divididos, por exemplo, em dissertação e textos dissertativos, narração e narrativas, mas sem definir se os textos que fazem parte desses tipos textuais são crônicas, mensagens, notícias ou anúncios.

Na figura 6 e 6.1, verifica-se que o texto apresentado é definido como um artigo de revista, porém a leitura do texto demonstra tratar-se de respostas a uma enquete, contendo um questionamento e as opiniões de algumas pessoas a respeito do tema.

O texto é apresentado como um artigo de revista, ou seja, um gênero textual. Já na questão número 1, apresentada na figura 7, solicita-se que o aluno leia “os dois textos” (que constam nas figuras 6 e 6.1), evidenciando, assim, confusão na denominação do texto apresentado.

O que se pode perceber neste livro didático é um número maior de questões de interpretação textual e análise linguística sem guiar as perguntas para uma ponderação aprofundada a respeito do gênero textual, conforme visto na figura 7, nos exercícios da questão número 1, em que se pede para analisar os tempos verbais predominantes no texto, trabalhando-se, assim, algumas características do gênero textual, mas de forma superficial.

Embora não haja uma preocupação em definir claramente o gênero a que pertence o texto, evidencia-se nas questões elaboradas (veja figura 7) uma preocupação com implícitos, recursos argumentativos, chamando a atenção para o texto em termos de força argumentativa. Além disso, chama o aluno para opinar sobre ideias do texto, o que se evidencia na questão seis, por exemplo. Revela-se aí, a intenção de trabalhar o texto na interação.

Convém acrescentar, que a proposta de produção textual (Figura 8) sugere um determinado gênero: carta ao editor, atividade que joga o texto numa situação comunicativa, conforme explicação de Marcuschi (2008), citado anteriormente. Todavia, não oferece nenhuma orientação sobre a organização/aspectos estruturais desse gênero textual. A preocupação resume-se em oferecer uma lista de palavras que expressam ideia ou contraste.

O primeiro livro estudado propunha trabalho em grupo para analisar o gênero textual. O mesmo não ocorre com o segundo livro didático analisado.

Além disso, propõe uma atividade de gramática falada. Destaca-se a importância do trabalho com língua falada, mas parece que a exigência pode estar além do trabalho realizado: apresentar a exposição oral em uma solenidade de comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra para público formado por alunos, pais de alunos e professores.



Semântica e interação


Leia o anúncio ao lado para responder às questões de 1 a 3.

**Algumas coisas
ninguém esquece.**

O primeiro beijo na **Enseada de Botafogo**.
O escurinho do **Cinema Odeon**.
O pôr do sol no **Arpoador**.
O **Reveillon em Copacabana**.
O primeiro clássico no **Maracanã**.
O emocionante carnaval na **Marquês de Sapucaí**.
Aquele forró na **Feira de São Cristóvão**.
O bronzeado das garotas de **Ipanema**.
O sagrado chopinho depois do trabalho no **Baixo Gávea**.
O pedido de noivado no **Corcovado**.
A cerimônia de casamento na **Igreja da Candelária**.
A tão sonhada visita ao **Pão de Açúcar**.
O batizado do primeiro filho na **Igreja da Penha**.
Aquela peladinha de final de tarde no **Aterro do Flamengo**.
A comemoração pela tão esperada aposentadoria
às margens da **Lagoa Rodrigo de Freitas**.

Realmente algumas coisas são **inesquecíveis**.
Já reparou que o **Rio de Janeiro** está em todas elas.

1º de março. Aniversário do Rio de Janeiro.
Ninguém esquece.



(Globo, 1º/3/2004.)

Figura 5
Fonte: Infante (2004, p. 279).

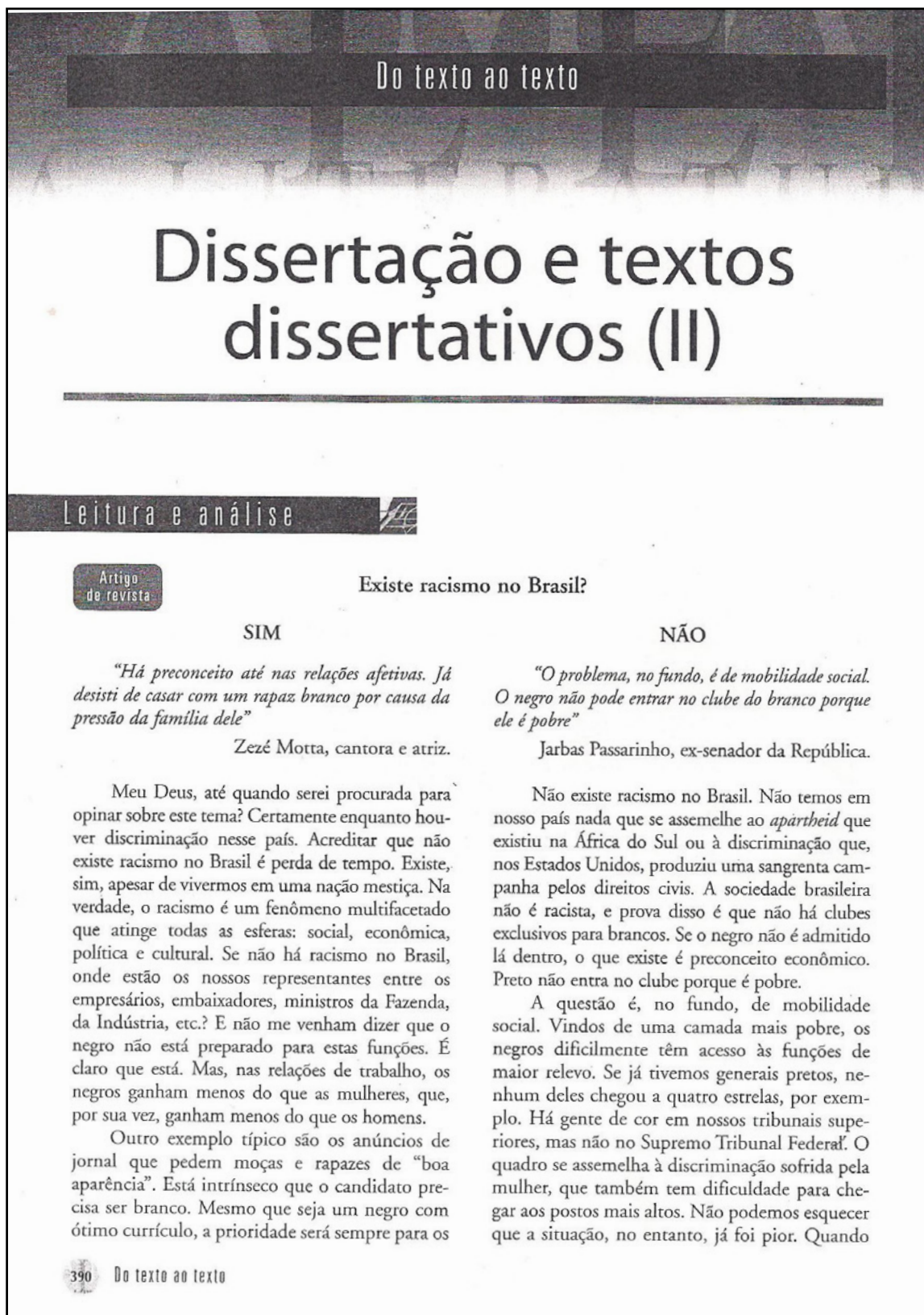


Figura 6
Fonte: Infante (2004, p. 390).

brancos. Outra prova de que existe racismo são as piadas e o discurso pejorativos, como aquela que diz: "O negro, quando não suja na entrada, suja na saída". Há racismo também nas relações afetivas. Eu mesma sofri isso na pele nos anos 70, quando vivia com um rapaz. Quando resolvemos casar, a família dele colocou a maior pressão. Resolvemos, então, continuar apenas amantes.

O peso da discriminação é muito grande para nossos filhos. Não basta termos apenas duas senadoras negras, Benedita da Silva* e Marina Silva**. Queremos que o negro seja aceito plenamente como cidadão em todos os seus direitos. Só assim ele poderá morar e ter o direito de ir e vir tanto na zona norte quanto na zona sul do Rio de Janeiro, sem desconfiança nem discriminação. Quem sabe aí nossos filhos terão o direito de sonhar em se transformarem, um dia, em embaixadores, generais e empresários.

* Benedita da Silva atualmente é ministra da Consistência e Promoção Social.

** Marina Silva atualmente é ministra do Meio Ambiente.

entrei para a Escola Militar de Realengo, em 1939, havia um racismo mascarado. Após pegar sol nas praias do Rio de Janeiro, um caboclo do Pará tirou uma fotografia e a enviou com o pedido de inscrição à direção da Escola Militar. Foi recusado. Quando compareceu pessoalmente, o pessoal percebeu que ele não era preto e o rapaz foi aceito. No Realengo, havia ainda um aberto anti-semitismo. Os judeus eram barrados.

Apesar da escravidão durante o período da monarquia, o racismo como doutrina não vingou no Brasil por causa da miscigenação. O português aqui cruzou com negros e índios, ao contrário do que ocorreu na África, e isso gerou a fabulosa mulata brasileira, admirada por todos. O curioso é que, se há algum tipo de preconceito racial, ele é cultivado pelos próprios negros. Por que Pelé e Romário escolhem mulheres brancas para o casamento? Parece que, ao ascender socialmente, o negro brasileiro tende a desprezar a própria raça.

Istoé, 17 jul. 1996.

Figura 6.1

Fonte: Infante (2004, p. 391).

Leitura: interação

- 1 Leia atentamente os dois textos, concentrando sua atenção sobre os tempos verbais empregados. Depois, responda:
 - a) Qual(is) tempo(s) verbal(is) predomina(m)?
 - b) Esse(s) tempo(s) é(são) o(s) mesmo(s) que predominava(m) na narração?
 - c) Com base nas respostas aos itens a e b, procure identificar os tempos verbais mais frequentes na atitude lingüística da narração e na da dissertação. Podemos dizer que a língua portuguesa tem tempos verbais especializados para cada uma delas?
- 2 Observe a frase "É claro que está.", no texto de Zezé Motta. A estrutura "é claro que...", semelhante a muitas outras da língua ("é preciso que...", "é indiscutível que...", "é indispensável que...", "é necessário que...", por exemplo), exprime uma avaliação da produtora do texto ou uma verdade universal? Comente.
- 3 "Não existe racismo no Brasil." A afirmação que abre o texto de Jarbas Passarinho é uma opinião pessoal ou uma verdade indiscutível? Comente.
- 4 Qual o valor argumentativo das perguntas feitas nos dois textos? Comente.
- 5 Comente o valor argumentativo das palavras destacadas em a e b no texto de Zezé Motta e c no texto de Jarbas Passarinho:
 - a) "Existe, **sim**, apesar de vivermos em uma nação mestiça."
 - b) "**Só assim** ele poderá morar e ter o direito de ir e vir tanto..."
 - c) "Se **já** tivemos generais pretos..."
- 6 O texto de Jarbas Passarinho é contraditório? Comente.

Figura 7

Fonte: Infante (2004, p. 391)

Proposta de produção de texto

Os textos de Zezé Motta e Jarbas Passarinho nos oferecem argumentos que procuram sustentar visões contrárias sobre um mesmo assunto. Leia-os atentamente e anote os argumentos de cada um que você julgar mais relevantes. A seguir, elabore **seu** texto sobre o assunto: uma carta ao editor da revista que publicou os artigos, expondo sua posição sobre o racismo. Não se esqueça de contrastar os vários aspectos do problema (para ajudá-lo, apresentamos a seguir um quadro com palavras e expressões que indicam oposição e contraste). Antes de redigir, planeje seu texto, elaborando um esquema em que já estejam definidas as idéias principais e as conclusões (veja no segundo quadro algumas expressões adequadas para encaminhá-las). Para transformar seu esquema em texto com maior facilidade, use o **tópico frasal** no início dos parágrafos.

Palavras, locuções e expressões que indicam oposição e contraste

antagonismo, tendência contrária, reação, resistência, hostilidade, antipatia, teimosia, rivalidade, contraposição, empecilho, contrapeso, força maior, objeção...	substantivos
defrontar-se, ir de encontro a, ser contrário, enfrentar, reagir, impedir, obstar, objetar, opor-se, contrapor-se, contradizer, desconsiderar, fazer frente a...	núcleos: verbos
contrário, oposto, antagonico, discrepante, contrastante...	adjetivos
apesar de, não obstante, ao contrário, ao invés de, pelo contrário, em contraste com, em oposição a, contra; mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto; embora, se bem que, ainda que, mesmo que, mesmo assim...	preposições, conjunções e locuções

Termos e expressões próprias para encaminhar conclusões

assim, então, em virtude disso, diante disso, em face disso, em vista disso, logo, portanto, pois, em conclusão, em suma, em resumo, enfim...

Prática de língua falada

Com base nas opiniões de Zezé Motta, Jarbas Passarinho, Fernando Henrique Cardoso (lembra-se do texto das páginas 332 e 333) e nas suas próprias convicções e experiência de vida, prepare uma exposição oral sobre o tema: "O racismo é mais insidioso quando é negado". Pense que sua exposição oral vai ser apresentada numa solenidade de comemoração do dia nacional da consciência negra, para um público formado por alunos, pais de alunos e professores.

7 CONCLUSÃO

Após pesquisa e análise de algumas atividades desses dois livros didáticos, assim como a apresentação do conceito e da importância do estudo dos gêneros textuais, corroborando estudiosos como Marcuschi, reafirma-se ser de suma importância o trabalho das escolas com os gêneros textuais em sala de aula, pois, se os alunos entenderem a finalidade e o valor dos gêneros, poderão dominá-los e, dominando-os, conseguirão se comunicar melhor, tornando-se, dessa forma, pessoas mais críticas e aptas para uma interação social de qualidade.

Para que os alunos tenham um bom conhecimento dos gêneros textuais através do livro didático e para que esse material esteja de acordo com o que indicam os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, é preciso que o Ministério da Educação exerça sempre o controle da qualidade dos livros didáticos fornecidos pelo FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Além disso, é imprescindível que o professor reafirme seu papel como orientador do conhecimento e seja um profissional que aproveita o que o livro tem a oferecer. Ainda que o material didático deixe a desejar em termos de conceitos, propostas e exercícios, o professor tem o dever de ir além das propostas do livro didático, analisando o que funciona para cada turma, utilizando exemplos e textos atuais, entre outros, pois o educador não deve se tornar dependente do livro didático.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: volume 2: ensino médio**. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005.

DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais E Escritos Na Escola**. Editora Mercado de Letras, 2004.

INFANTE, Ulisses. **Textos: leituras e escritas: literatura, língua e produção de textos**, volume único. São Paulo: Scipione, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Acesso em: 20 set. 2011.

Livro didático contra ou a favor? Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/livro-didatico-contra-ou-a-favor.php>>. Acesso em: 16 set. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. Editora Parábola, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: UNESP, 2002

MARTINI, Vanessa Vlagrand. **Importância do Livro Didático: Eficiência e/ou ineficiência deste instrumento no processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <<http://importanciadolivrodidatico.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 set. 2011.

ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Bernard S., Joaquim D. et al. Trad. e org. de Rojo, R. e Cordeiro, S. Campinas: Mercado de Letras, 2004.